

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS**

**MEIA HORA PARA MUDAR A MINHA VIDA – A PÁTRIA COMO ESPAÇO
DO AFETO**

Autor: Thayane Soniara Oliveira Rodrigues

Orientadora: Profa. Dr^a. Lúcia Helena Marques Ribeiro

BRASÍLIA, 2018.

THAYANE SONIARA OLIVEIRA RODRIGUES

**MEIA HORA PARA MUDAR A MINHA VIDA – A PÁTRIA COMO ESPAÇO
DO AFETO**

**Monografia apresentada ao Curso de Letras Português
e respectivas literaturas da Universidade de Brasília,
como requisito para a obtenção do grau de Licenciado
em Letras.**

**Orientadora: Profa. Dr^a. Lúcia Helena Marques
Ribeiro**

Brasília, 2018.



Universidade de Brasília
Instituto de Letras - TEL

TERMO DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pela aluna Thayane Soniara Oliveira Rodrigues, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado.

Lúcia Helena Marques Ribeiro

Profa. Dr^a. Lúcia Helena Marques Ribeiro

Orientadora

**Brasília,
2018.**

Dedico este trabalho à minha família e amigos, que sempre me apoiaram e incentivaram a seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me ajudado a chegar até aqui.

À Professora Dr^a. Lúcia Helena Marques Ribeiro que, gentilmente, aceitou me orientar e ajudou significativamente na realização desse trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. Portugal e o contexto político pré-25 de Abril.....	8
1.1. Portugal na luta contra o governo de Salazar e o reestabelecimento da democracia de direito.....	8
1.2. A revolução dos cravos em 25 de abril de 1975.....	10
2. Narrativa, narratividade e a dimensão sociocultural da literatura.....	12
2.1. Narrativa e narratividade.....	12
2.2. Dimensão sociocultural da literatura.....	14
3. Meia hora para mudar a minha vida: o espaço do afeto; o espaço do exílio.....	17
CONCLUSÃO.....	24
BIBLIOGRAFIA.....	25

INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura analisar os espaços narrativos da obra *Meia hora para mudar a minha vida*, de Alice Vieira, entre os quais, o teatro, onde os símbolos da pátria são preservados juntamente com as relações de afeto, diferentemente do espaço tradicionalmente familiar no qual a falta de amor e acolhimento pode representar o exílio.

Em um primeiro momento, serão apresentados o contexto histórico-político de Portugal, descrevendo assim o seu percurso desde a luta da sociedade contra o governo de Salazar, até o reestabelecimento da democracia com a então Revolução dos Cravos em 25 de Abril de 1975.

No segundo momento, serão discutidos os aspectos da narratividade, a maneira como estes se relacionam com a obra, desempenhando assim papéis essenciais e indispensáveis, bem como a dimensão sociocultural da literatura implícitas na obra, abordados através das contribuições de Carlos Reis, em seu livro *O Conhecimento da Literatura – Introdução aos Estudos Literários*.

E finalmente, no último capítulo, serão analisados os espaços narrativos da obra e os seus significados naquilo em que valem para a construção do sentido de pertencimento afetivo e de nacionalidade.

1. PORTUGAL E O CONTEXTO POLÍTICO PRÉ-25 DE ABRIL

1.1. PORTUGAL NA LUTA CONTRA O GOVERNO DE SALAZAR E O RESTABELECIMENTO DA DEMOCRACIA DE DIREITO

A substituição da monarquia¹ portuguesa pelo sistema republicano², não foi uma transição totalmente promissora para Portugal, pois o país neste período passou por 45 governos e inúmeros presidentes. A população não tinha acesso ao voto, sendo este direito limitado apenas aos homens alfabetizados, que, naquela época, representavam a minoria de uma população majoritariamente rural. Dessa forma, o período republicano foi marcado pela instabilidade política e por poucos progressos econômicos, sociais e culturais para o país. (PAGE, 2012.)

O contexto histórico-político permanecia instável e sem abarcar direitos a todos integrantes de sua sociedade, o que contribuiu para um novo período que estaria por vir, o da ditadura portuguesa, conhecido também como Estado Novo. Desta forma, o contexto de Portugal revela que o país sofreu com um severo sistema de repressão às liberdades de expressão durante vários anos em diferentes meios e/ou vias de expressões como: teatro, literatura, partidos políticos, música, jornais e outros. (SARAIVA, 1989.)

Segundo Saraiva, o país foi palco do maior e mais duradouro regime ditatorial do Ocidente, o poder de Portugal esteve durante muitos anos nas mãos do ditador Antônio de Oliveira Salazar, mais conhecido como Salazar, que instaurou um regime inspirado nos ideais do fascismo italiano. O governo era autoritário, com restrições de liberdade, antidemocrático e o poder concentrava-se totalmente nas mãos dos líderes do governo, além de as leis serem instauradas sem consulta popular.

Salazar permaneceu no poder até o ano de 1968 quando um problema de saúde o forçou a se afastar do poder tendo sido Marcello Caetano seu sucessor. Durante o governo de Salazar, uma nova constituição foi elaborada e instaurada, a Constituição de 1933, que entrou em vigor em 11 de abril de 1933, ano em que o Estado Novo em

¹ Monarquia é um regime político de governo de um Estado/Nação baseado pela hereditariedade, na qual o chefe de Estado possui o título de Rei ou Rainha e se mantém no cargo até a morte. (Disponível em: < <https://www.meusdicionarios.com.br/monarquia>>. Acesso em: 07 de novembro de 2018.)

² República é um regime político de governo, onde o chefe de Estado é eleito pelos cidadãos daquela nação, por meio de votos. Sua permanência no poder possui um tempo determinado, ocorrendo de tempos em tempos novas eleições para o governo. (Disponível em: < <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/rep%C3%BAblica>>. Acesso em 07 de novembro de 2018.)

Portugal passou a governar. Os principais ideais desta nova constituinte foram o corporativismo, a doutrina social da Igreja, nacionalismo e um único partido/associação política tolerada e aceita (União Nacional³). (SARAIVA, 1989.)

O governo em vigor seguia os moldes de uma ditadura, com uma polícia (conhecida como PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado) voltada para a censura e controle dos que eram opositores ao governo (tanto dentro do país como em suas colônias). As eleições existentes eram fraudadas e o voto não era universal. Não havia o direito às ações corporativas e sindicais (já que toda ação neste sentido eram monitoradas pelo poder de polícia). Aqueles que se posicionassem contra os ideais e as práticas do Estado Novo acabavam presos em cadeias e centros exclusivos de custódia, sendo esta medida adotada inclusive àqueles que se recusavam a compor o exército na luta contra as colônias que Portugal ainda mantinha. (PAGE, 2012.)

Saraiva explica que Portugal desenvolveu-se pouco economicamente durante o Estado Novo, em decorrência de uma política de condicionamento das indústrias e de proteção a alguns monopólios e grupos sociais. O país recusava-se a aceitar a independência de suas colônias⁴, -distanciando-se ainda mais do cenário europeu, onde a maioria dos países não mantinham mais colônias sobre o seu domínio. Tal posicionamento político e econômico não favorecia a economia de Portugal, tornando-o pouco rentável até os anos 60, tendo como uma consequência o aumento espontânea da saída (emigração) das pessoas do território português.

Diante um regime ditatorial de longa duração e de relativo atraso econômico e cultural, as forças armadas com o apoio de alguns populares⁵ insatisfeitos com a intransigência do Estado Novo, mobilizaram-se em busca de uma renovação política e na luta por uma democracia de direito. Deram início a um novo período que ficaria conhecido como a Revolução dos Cravos ou A Revolução de 25 de Abril. Portugal é novamente palco de um golpe militar, o Movimento das Forças Armadas (MFA) planejou e executou uma investida para derrubar o Estado Novo. A MFA era formada em sua maioria por membros de patente mediana (oficiais e capitães), cujos anseios

³ União Nacional único partido legalmente constituído e criado em Portugal durante a Ditadura do Estado Novo. Sendo criado em 30 de julho de 1930, seguindo os ideais defendidos por Salazar. (Disponível em: < <https://www.infoescola.com/biografias/antonio-salazar/>>. Acesso em 07 de novembro de 2018.)

⁴ Neste período Portugal ainda mantinha Angola, Guiné e Moçambique como colônias e negava-se a aceitar a independência destes países. (Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Colonial_Portuguesa>. Acesso em 07 de novembro de 2018.)

⁵ Populares incluíram neste tempo partidos de esquerda, sindicatos, movimentos populares e artistas, escritores e outros. (Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_Novo_\(Portugal\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_Novo_(Portugal))>. Acesso em: 07 de novembro de 2018.)

eram reestabelecer os direitos civis tanto dos habitantes de Portugal como de suas colônias. (PAGE, 2012.)

Frente ao descontentamento da população e das forças armadas, um movimento contra a ditadura foi ganhando força e resistência. O crescente anseio por uma ruptura política e uma democracia de direito ocasionou A Revolução de 25 de Abril de 1974, um marco na história de Portugal. (SARAIVA, 1989.)

1.2. A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS EM 25 DE ABRIL DE 1975

Saraiva explica que apesar de ser considerada uma revolução, a Revolução dos Cravos ocorreu sem conflitos violentos, recebendo inclusive este nome, pois ao final, alguns membros da sociedade distribuíram a flor nacional, cravo, aos soldados que colocaram fim a um regime ditatorial que durou aproximadamente 48 anos de privações sociais, culturais, políticas e econômicas.

Liderado pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), com o intuito de promover a transformação social do país e o restabelecimento de alguns direitos primários como a democratização, descolonização e o desenvolvimento do país. Alguns militares se juntaram em busca de um golpe para destituir o governo de Marcelo Caetano, que governava o país no antigo posto de Salazar mantendo seus ideais. (SARAIVA, 1989.)

O movimento que colocaria fim a este regime com bases fascistas, visavam encaminhar o país a uma reestruturação de grande porte, envolvendo não apenas um regime político, mas também um modelo econômico e social.

O golpe foi executado na noite de 25 de Abril de 1974, por meio de uma “senha” divulgada na rádio que utilizaria uma música, Grândola Vila Morena, proibida pela ditadura, esta música era o indicativo para que os oficiais do MFA tomassem as ruas e os centros de Lisboa e derrubasse o governo do Estado Novo. (PAGE, 2012.)

Segundo Page, apesar da motivação política que impulsionou o MFA, o movimento não era engajado no meio político e desta forma, após a derrubada do governo vigente, o poder do país foi entregue a António de Spínola. Porém Spínola não permaneceu durante muito tempo no poder, pois seus ideais eram confrontados por um grupo comandado pela esquerda militar aliada ao partido comunista e a outras forças. Estes articulados ganharam influência na sociedade e estabeleceram um confronto

ideológico conta o governo de Spínola. Desta forma, Spínola perde o controle e espaço no cenário Português, investindo inclusive em um golpe de estado frustrado em 28 de setembro, articulado com os partidos políticos de direita, ocasionando sua queda do poder.

Costa Gomes assume a presidência de Portugal, ele era um general vinculado à esquerda militar e sua estada no poder impulsiona a aceleração da Revolução dos Cravos, promovendo assim um maior crescimento a Portugal. Propiciando o resgate da democracia de direito de todas as camadas da população, assim como o início de reformas estruturantes, aprovando as reformas agrárias, nacionalização dos bancos, a estatização de empresas. Resultando inclusive na proclamação da Constituição de 1976. (PAGE, 2012.)

A II República pôde aprender com as falhas e omissões que a primeira deixou, sendo capaz de colocar em prática as promessas não cumpridas anteriormente. Sendo assim, legitimou o voto direto universal, tanto para os homens como para as mulheres; integralizou os direitos econômicos, sociais e culturais no âmbito dos direitos essenciais dos cidadãos; estabilizou as atribuições das competências dos órgãos de soberania; legitimou a atuação cívica como uma base de um Estado democrata.

Os avanços e conquistas adquiridos por meio da Revolução de 25 de Abril de 1974 foram de grande importância e significação, em se tratando dos direitos dos cidadãos, no âmbito da justiça social e do desenvolvimento, especialmente nas competências de socialização do ensino, da saúde, do auxílio, da moradia e permanência, da segurança social, na perspectiva de vida, e acima de tudo, na libertação dos cidadãos promovendo sua autonomia e revolução intelectual. (SARAIVA, 1989.)

2. NARRATIVA, NARRATIVIDADE E A DIMENSÃO SOCIOCULTURAL DA LITERATURA

2.1. NARRATIVA E NARRATIVIDADE

Segundo Carlos Reis, o termo narrativa literária diz respeito ao complexo de textos literários que se integram caracteristicamente ao modo narrativo. Os traços externos dos textos narrativos não devem ser considerados como propriedade modal distintiva, isso quer dizer, que os textos podem sofrer variações em sua forma de enunciação, entretanto, isso não transfigura ou modifica a sua característica inerentemente narrativa. Ao determinar os limites dos textos narrativos à narrativa literária, afirmamos que estes textos são em sua essência ficcionais; dessa forma, eles podem ser denominados também por ficção narrativa⁶.

Para o autor, quando se trata de textos narrativos, abre-se um leque de possibilidades de estudos e análises para estes. No século XX, a partir do estruturalismo⁷ houve o surgimento da teoria semiótica da narrativa, que tinha por objetivo estudar a narratividade em sua totalidade, que seria assim os aspectos estruturais dos textos narrativos.

Do ponto de vista geral, os textos narrativos literários se realizam e se representam de maneira dinâmica, isso se dá pelo uso de elementos que proporcionam temporalidade no texto. O principal objetivo do texto narrativo é narrar algum acontecimento, servindo assim como instrumento de informação, aprendizado ou entretenimento; tendo sua intencionalidade voltada para o receptor. A narrativa literária se organiza em dois planos: o plano da história contada e o plano do discurso que a conta, que juntos dão significado a narração. A partir destes, especificam-se categorias narrativas que abrangem os elementos e as estruturas do texto literário, sendo eles: o personagem, capaz de ser criado em diferentes perspectivas podendo assim sofrer modificações e influências em sua vivência ficcional; o espaço, no qual a narrativa se desenvolve, podendo se apresentar em diversos aspectos de configuração e estruturação; a ação, que apresenta multiplicidades de composição e interação; o tempo, com suas

⁶ O termo ficção narrativa está relacionado aos textos narrativos literários de característica ficcional tais como: romances, contos, novelas, crônicas, fábulas, lendas, etc. (REIS, 2003, p. 343)

⁷ O estruturalismo pode ser entendido como uma teoria que busca conhecer as atividades humanas. Pensando na literatura, o estruturalismo se baseia na organização dos elementos e na análise das regras universais que orienta a prática literária. (Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/estruturalismo/>. Acesso em: 10 de novembro de 2018.)

potencialidades de marcação; a perspectiva narrativa, que possibilita escolhas de interpretações subjetivas inerentes ao texto; o narrador, que narra a história, participando ou não de maneira a proporcionar ligações com a história contada. (REIS, 2003.)

Buscando observar efetivamente como se desenvolve o processo narrativo de um texto, trataremos de analisar um trecho do primeiro capítulo da obra *Meia hora para mudar a minha vida*⁸ de Alice Vieira:

Durante muito tempo pensei que me chamava Branca-a-Brava.
Assim exatamente.
Não apenas Branca.
Nem sequer Branquinha, como seria normal, diante de um bebé.
Ainda por cima um bebé tão pequeno como eu, nascido fora do tempo.
Nada disso.
Branca-a-Brava.
Como se duas palavras fossem uma só. Brancàbrava.
Branca-a-Brava — porque esse era o nome da minha mãe na noite em que eu decidi aparecer.
E ela estava sempre a dizer que, no fim de tudo, tinha ficado tão tonta, tão fraca, tão a tremer, tão cheia de dores que nem sequer tinha tido cabeça para escolher outro nome.
— Branca-a-Brava! Viva Branca-a-Brava! — tinham gritado todos, no meio de muitas palmas, quando tudo já estava terminado.
Então ela olhou para mim e só teve forças para repetir:
— Branca-a-Brava...
E foi sempre assim que na Feira nos chamaram às duas.⁹

Neste trecho, é possível notar que por meio de uma ação aberta de reflexão e de busca nas memórias vividas e ouvidas, Branca-a-Brava se pôs a narrar como veio ao mundo e a origem do seu nome. Essa ação de reflexão percorre toda a obra, de forma que, com o decorrer do tempo, vários acontecimentos vão surgindo e com eles o aparecimento de outros personagens que darão assim sentido a narrativa. Desde já, é possível notar que Branca-a-Brava assume o papel de protagonista da história, de forma que podemos presumir também que ela exerça o papel de narrador (autodiegético¹⁰). Branca conduz a narrativa desde a época em que seus pais se conheceram, até o momento em que ela atinge a maioridade e precisa assim decidir qual o rumo tomar em sua vida. Dessa forma, pode-se considerar que a narrativa se sustenta de maneira

⁸ VIEIRA, Alice. *Meia hora para mudar a minha vida*. Lisboa: Caminho, 2010.

⁹ *Idem*, p. 13-14.

¹⁰ Narrador autodiegético é o que narra a história como sendo protagonista dela, desempenhando assim o papel de personagem principal.

temporal, sendo narrada do passado para o presente, do presente para o passado, e assim percorre em direção ao futuro. A partir dessa temporalidade, é possível que o leitor se depare com um espaço exterior que está em constante transformação e que lhe proporciona uma proximidade com a narrativa.

Por meio dessas observações, pode-se evidenciar três particularidades dos textos narrativos, que asseguram a vigência da narratividade, sendo eles: o processo de exteriorização, que tem como centro o narrador, que contará a história de forma a construir um ambiente independente, que se constitui por personagens, espaços e ações; a tendência objetiva, que se trata da competência que a narrativa literária tem em perpassar o conhecimento para o leitor de forma palpável e racional, não somente através do que o narrador conta, mas por meio dos elementos que compõem a narrativa; e a sucessividade, que por sua vez está relacionada à projeção do tempo que proporcionará uma proximidade entre as demais propriedades do texto. Neste contexto, a narratividade se efetiva como fenômeno estético, que desempenha um papel funcional na narrativa sendo responsável assim pela transformação e formação do sentido presente no discurso.

2.2. A DIMENSÃO SOCIOCULTURAL DA LITERATURA

De um ponto de vista histórico, a literatura pode ser compreendida como um instrumento de intervenção social. Entre muitos autores, o teórico da literatura Carlos Reis, coloca a questão nos seguintes termos:

A literatura envolve uma dimensão sociocultural¹¹, diretamente decorrente da importância que, ao longo dos tempos, ela tem tido nas sociedades que a reconheciam (e reconhecem) como prática ilustrativa de uma certa consciência colectiva dessas sociedades.¹²

Atentando-se para a reflexão da condição social da literatura, Platão, inserido na busca da verdade, idealizava a atividade poética como algo que só era reconhecido a partir da efetivação do serviço que o poeta pudesse oferecer à sociedade que ali estava

¹¹ Em nível sociocultural, a literatura pode ser entendida como instrumento de intervenção social.

¹² REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003, p. 24.

inserido, assim se fazia necessário que através da arte os indivíduos se sentissem encorajados a buscar a perfeição em sua total excelência. (apud REIS, 2003, p. 40)

Posteriormente, a argumentação de que a criação literária deveria estar diretamente vinculada à sociedade, ganhou mais importância à medida que os ideais ideológicos foram definidos: durante o Realismo, o escritor se posiciona de forma contrária a época, instituindo a literatura como um mecanismo no qual poderá explorar as diferentes situações que requerem transformações; em conformidade com o Positivismo e com o Determinismo, o Naturalismo efetiva essa investigação, de modo a definir que a mudança do universo se concretiza por meio da literatura. Entre os anos 30 e os anos 50, as práticas literárias são associadas à revolução social e conseqüentemente a economia, se tornando assim um compromisso social do escritor, que tem por objetivo denunciar os acontecimentos da sociedade. (REIS, 2003.)

Exemplo dessa postura, temos a obra *Meia hora para mudar a minha vida*, de Alice Vieira, que retrata o contexto histórico-político português, evidenciando também como se davam as relações de afeto, o desamparo por parte da família e a relação com a pátria.

Um dos escritores que contribuem para a defesa de que a criação literária está efetivamente comprometida com a sociedade, é o francês Jean-Paul Sartre (apud REIS, 2003, p. 42), que compreende o escritor como um militante racional, que por meio da palavra literária denuncia e expõe as situações sociais, de forma que estas não poderão ser ignoradas, nem muito menos passar despercebidas. A partir de então, pode-se olhar para o escritor através de duas perspectivas: a ideológica, na qual o escritor se responsabiliza culturalmente, envolvendo-se na sociedade de maneira a desempenhar um papel de mediador entre literatura, sociedade e leitor; funcional, no qual o escritor compromissado elegerá um discurso em prosa¹³, como o mais adequado a desempenhar o papel de esclarecimento da ação de forma simples e acessível. Desse modo, para o autor, a percepção sartriana acerca do compromisso literário incentiva uma ação literária que esteja baseada no modo realista, que traz a literatura como objeto de reprodução do que é real.

Deste modo, Reis explica que qualquer entendimento sobre a dimensão cultural da literatura terá que considerar o escritor em sua essência, atentando assim para as suas

¹³ Por meio da prosa, a história pode ser contada por meio de uma linguagem básica, em vez de um formato poético que pode lidar com o uso de métrica e rima. (Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/prosa-poetica/>. Acesso em: 10 de novembro de 2018.)

particularidades, no que diz respeito à sua responsabilidade cultural e ao seu comprometimento com a sociedade que lhe é imposta, aos direitos e deveres que lhe são atribuídos, assim como o conjunto de aparatos (tanto econômicos, ideológicos, psicológicos, sociais, etc.) que o definem como indivíduo socialmente relevante e necessário.

3. MEIA HORA PARA MUDAR A MINHA VIDA: O ESPAÇO DO AFETO; O ESPAÇO DO EXÍLIO

Escrito por Alice Vieira¹⁴, uma das mais importantes escritoras portuguesas de literatura infanto-juvenil, que se pôs a escrever obras que relatassem momentos históricos e cotidianos de Portugal e também sobre suas próprias vivências, *Meia hora para mudar a minha vida* é um romance que retrata a história de Branca, uma menina que nasceu e cresceu em meio a um grupo de teatro amador, encenando peças na sua maioria inspiradas nas obras de Gil Vicente¹⁵, que com muita dedicação e esforço buscavam colocar em cena essas obras teatrais que já estavam a cair no esquecimento do povo.

Branca-a-Brava, protagonista da narrativa *Meia hora para mudar a minha vida*, nasceu no meio de uma grande salva de palmas, enquanto sua mãe Maria Augusta (mais conhecida pela personagem Branca-a-Brava) estava a encenar uma peça de teatro na Feira: “— *Branca-a-Brava! Viva Branca-a-Brava! — tinham gritado todos, no meio de muitas palmas, quando tudo já estava terminado.*”¹⁶ Ambas, mãe e filha, possuíam o mesmo nome, Branca-a-Brava, em virtude do nome da personagem e de suas bravuras que logo seriam vistas por todos.

A Feira era uma espécie de teatro, uma casa que ficava no meio de um bairro popular da cidade de Lisboa, na qual tinha um azulejo pendurado na parede que denominava seu nome como *Vivendas Mascarenhas*. Vicente Mascarenhas era o fundador da Feira, comprara aquela casa para ali fundar um teatro e assim realizar seu sonho, mesmo que seu pai tentasse lhe tirar da cabeça a ideia: “— *Olha que não é a fazeres de palhaço que ganhas a vida! — repetia-lhe muitas vezes.*”¹⁷

Inspirados em Gil Vicente, a primeira peça a ser apresentada pelos integrantes do teatro de Vicente Mascarenhas, chamou-se *Auto da Feira*.¹⁸ A representação ocorreu

¹⁴ Jornalista e escritora portuguesa de livros infantis e juvenis, nascida em 1943, em Lisboa. Ganhou vários prêmios no âmbito da literatura, sendo inclusive seus livros recomendados como leituras orientadas em sala de aula pelo Plano Nacional de Leitura de 2017.

¹⁵ Gil Vicente (1465-1536) foi um dramaturgo e poeta português, sendo considerado um dos maiores representantes do teatro popular em Portugal e da literatura renascentista portuguesa. O valor do teatro Vicentino encontra-se na sátira que se contrapõe a religiosidade predominante à sua época, proporcionando assim um conjunto de obras ricas pela universalidade dos temas.

¹⁶ VIEIRA, Alice. *Meia hora para mudar a minha vida*. Lisboa: Caminho, 2010, p. 14.

¹⁷ Idem, p. 35.

¹⁸ Peça de teatro de Gil Vicente, representada pela primeira vez no natal de 1526, em Lisboa, ao rei D. João III. A narrativa possui um texto dramático e tem como foco principal o comércio, referindo-se as

muito bem, e todos que haviam assistido se divertiram. Assim, o Sr. Vicente que era muito supersticioso, acabou decidindo que a casa *Vivendas Mascarenhas* passaria a se chamar *Feira*, para assim, continuar fazendo sucesso e agradando a todos que assistiam aos espetáculos. Mesmo que as peças se repetissem por muitas vezes e até anos, e mesmo que os expectadores já soubessem as falas, todos da vizinhança não perdiam uma apresentação se quer.

A Feira se tornou uma casa onde sempre cabia mais uma pessoa, um teatro que abrigava a comunidade de forma calorosa. Ali todos eram tidos como parte integrante de uma família, e uns cuidavam dos outros. Vicente Mascarenhas acolhia a todos de braços abertos em sua casa, assim como acolheu Branca-a-Brava e sua mãe:

A Feira foi a minha primeira casa.
Não tive outra antes dela.
Nem hospital, nem maternidade, nada.
E não terei nunca outra igual.
Um casarão enorme, onde todos nos íamos encaixando.
Ou pelo menos todos — e eram muitos... — os que não tinham outra casa nem outra família.
Batiam à porta, e havia sempre lugar para mais um.
E ninguém fazia perguntas.
Para lá ficar era só preciso não ter medo do trabalho, amar Gil Vicente¹⁹ sobre todas as coisas (mesmo não sabendo muito bem quem era), obedecer a Mercúrio²⁰ — e não ser do Sporting^{21 22}.

A menina Branca, não conhecia seu pai e nem seus avós, apenas tinha conhecimento de suas existências. Sua mãe saiu de casa quando ainda estava grávida, e foi pedir trabalho à Feira, local onde ela havia ido uma vez assistir a um espetáculo. Na Feira, todos a receberam de braços abertos, e por ali se iniciou um novo ciclo em sua vida, assim, como na vida de sua filha Branca.

Certo dia chegaram à Feira duas autoridades do estado, Elas²³, A-Mais-Velha e A-Mais-Nova. Estavam ali para averiguar uma denuncia de que naquela Feira vivia uma criança sem as mínimas condições que todas as crianças necessitam para seu desenvolvimento:

— Queríamos apenas saber se a criança tem pessoas que cuidem dela... tá a ver? ... se a família é emocionalmente bem estruturada... tá

trocas comerciais que aconteciam no século XVI, assim como, a crise da Igreja e a luta entre o bem e o mal.

¹⁹ Gil Vicente era tido como identidade de todos que faziam parte da Feira.

²⁰ Mercúrio: personagem da peça de Gil Vicente o Auto da Feira.

²¹ Sporting Clube de Portugal, clube português, eclético e multi-desportivo, fundado em 1906.

²² VIEIRA, Alice. *Meia hora para mudar a minha vida*. Lisboa: Caminho, 2010, p.33.

²³ Assistentes sociais do Estado.

a ver? ... se tem os mínimos necessários para o seu correto desenvolvimento... tá a ver? ... se todos os parâmetros necessários se conjugam no sentido de...²⁴

Todos os integrantes da Feira ajudavam na criação e na educação de Branca, já que sua mãe por muitas vezes se apresentava indisposta por problemas de saúde. A menina, que não possuía contato com seus familiares de sangue, exceto sua mãe, tinha na Feira com os integrantes do teatro sua experiência de família, pois ali, é que encontrara abrigo e afeto, e assim, pode construir em seu interior o significado de família.

O dia em que Branca completou 10 anos de idade, foi marcado por grandes emoções e assim, por uma reviravolta em sua vida. Apesar de sua mãe ter acordado cheia de dores, isso não a impediu de tirar o dia para passar com Branca e assim comemorar seu aniversário:

— Tenho uma surpresa para ti.

— Estás cansada... Deixa a surpresa para outro dia.

— Vamos.

Entrou comigo no cabeleireiro, onde já não havia ninguém, mandou-me sentar numa cadeira alta em frente ao espelho e disse para Viviane²⁵:

— Pinta-lhe o cabelo de azul.²⁶

Branca não conseguia entender o porquê de sua mãe fazer tanta questão de que Viviane pintasse seu cabelo; sentia que algo estava errado naquele dia, mas, não sabia o que. Sua mãe, logo fez questão de enfatizar que o porquê de tudo aquilo, era que ela desejava que Branca se lembrasse para sempre daquele dia:

— Um dia ela há de dizer: quando fiz dez anos, a minha mãe pintou-me o cabelo de azul. Nunca se há de esquecer deste dia. Hoje não posso me dar ao luxo de lhe oferecer um brinquedo qualquer, como uma mãe qualquer. Hoje não posso ser uma mãe qualquer. Hoje tenho de ser a mãe de que ela se há de lembrar sempre. A mãe que mandou pintar-lhe o cabelo de azul. Como a uma princesa do conto de fadas. Hoje não lhe posso dar uma prenda que ela esqueça quando for mais velha. Este dia tem de ser especial. Muito especial. Porque não vai haver nenhum outro igual a ele. Por isso ela há de dizer sempre: «Um

²⁴ VIEIRA, Alice. *Meia hora para mudar a minha vida*. Lisboa: Caminho, 2010, p.31.

²⁵ Viviane era dona do Salão Princesa. Salão frequentado por toda a comunidade, principalmente por Branca e sua mãe.

²⁶ VIEIRA, Alice. *Meia hora para mudar a minha vida*. Lisboa: Caminho, 2010, p.116.

dia a minha mãe pintou-me o cabelo de azul e eu fui princesa. Por um só dia. Mas fui princesa. No dia em que fiz dez anos.»
Fez uma pausa (eu quase esperei que alguém desse palmas) e depois acrescentou, muito baixinho:
— É tempo de preparar despedidas.²⁷

Logo após seu aniversário, Branca veio a perder sua mãe e conseqüentemente teve que se mudar da Feira. Isso se deu pelo fato de que Elas levaram Branca para a casa de sua vó materna, já que era sua única parente de sangue, tendo em vista, que seu pai encontrava-se em algum lugar incerto. Branca não fora recebida muito bem por sua avó, ao contrário do que se esperava, sua avó lhe recebera com indiferença e com demonstração de estar cumprindo uma obrigação:

Claro que eu não esperava grandes declarações de amor, grandes abraços, grandes gritos de alegria.
Não esperava o vitelo morto para servir ao jantar, pelo regresso da neta pródiga que eu era — como na peça que na Feira se representava na semana da Páscoa.
Não esperava foguetes nem a família reunida na sala. Afinal ninguém ali me conhecia de lado nenhum.
Mas esperava, pelo menos, um beijo rápido, de raspão, a despachar, pois-sim-para-que-me-deixes.
Mas beijo, apesar de tudo.
Daqueles que Merenciana²⁸ dava na missa a toda a gente.²⁹

Os dias de Branca na casa da avó foram dias difíceis e de enorme tristeza para a menina. A todo o momento ela se lembrava da mãe e da Feira, e de como sentia falta daquele lugar, que para ela era o melhor lugar do mundo para se estar; a Feira era significado de paraíso para Branca. A casa onde estava, a de sua avó, era exatamente como sua mãe havia descrito algumas vezes:

A minha mãe dizia que tinha nascido de um pesadelo, porque só se lembrava de uma casa onde as janelas nunca se abriam, com paredes cheias de quadros de animais mortos e flores secas, de pessoas zangadas e sempre a vigiarem o que ela fazia, ou dizia, ou não fazia ou não dizia, e de uma porta que um dia se tinha fechado com grande estrondo, para nunca mais se abrir.³⁰

²⁷ Idem, p.120-121.

²⁸ Merenciana este era seu nome como personagem, era uma das integrantes da Feira. Chamava-se na verdade por Eduarda.

²⁹ VIEIRA, Alice. *Meia hora para mudar a minha vida*. Lisboa: Caminho, 2010, p.121-122.

³⁰ Idem, p.50.

Branca passava seus dias sozinha, a presença de sua avó na casa era quase que nula, já que esta não apresentava nenhuma relação de afeto e convívio para com a menina. Branca era muito nova para decidir o que quer que fosse, apenas tinha que seguir ordens, para assim, não envergonhar sua avó e muito menos se mostrar indiferente aos padrões da sociedade, mas, se pudesse fazer algo, tudo o que queria era fugir e retornar para a Feira.

Durante sua estadia na casa de sua avó, Branca teve a companhia da empregada Natália (que preferia ser chamada por Talita), uma brasileira, a qual era a única pessoa com quem conversava e demonstrava por ela preocupação e cuidado. A empregada teve um papel fundamental na vida de Branca, ambas puderam compartilhar momentos e experiências. Branca ensinava-lhe coisas aprendidas na Feira, tal como as músicas que Justina lhe havia ensinado. Talita por sua vez, tentava mostrar um pouco de sua cultura, sempre falando das espetaculares novelas brasileiras de Manoel Carlos e de sua preferência pelas músicas de Adriana Calcanhoto.

Com o tempo na casa de sua avó, Branca percebeu que ali se tinha todos os parâmetros e condições exigidas para que uma criança pudesse se desenvolver, assim, como Elas haviam mencionado que se era necessário. Era uma casa muito grande, com vários quartos, estátuas, televisões, quadros, carpetes, casas de banho, enfim, era uma casa que lhe oferecia todas as dependências físicas e financeiras da melhor forma possível, da forma como ela nunca havia tido na Feira. Para o estado e para a sociedade, famílias que possuíam essas riquezas, eram sempre famílias muito felizes. Mas, para Branca, essa “felicidade” lhe custava caro:

Recordo-as nessa tarde, entregando-me nas mãos da minha avó, olhando para a papelada e respirando bem fundo, com a sensação do dever cumprido: eu tinha finalmente todas as condições para o meu pleno desenvolvimento intelectual e físico, estava longe dos loucos, numa família bem estruturada, como todos os parâmetros e requisitos necessários, que não me deixava mexer em tesouras, que não me deixava sozinha e à solta no meio de um pátio que dava para a rua. E que, mesmo com as quatro casas de banho, de certeza só tomava duches para poupar água.
Famílias dessas são sempre muito felizes.
Mas nunca pensei que ser muito feliz custasse tanto.³¹

³¹ *Idem*, p. 135.

Apesar do que muitos achavam, e do que era comum à sociedade daquela época, o espaço afetivo não se encontrava no seio familiar, não era a família de sangue (na casa da avó materna) que deveria desempenhar o papel de família para Branca. Não era sua avó que lhe dava abrigo e afeto. No lar materno, não havia espaço para a afetividade, havia oportunidade para demonstração de carinho; a menina só encontrava ali frieza, desprezo e indiferença. Branca vivia completamente solitária, exilada e separada de tudo e de todos que lhe faziam bem, seus dias naquela casa eram de completo isolamento.

Certa vez, Branca pediu à sua avó que a levasse na Feira, entretanto, seu pedido não foi atendido. Sua avó lhe dissera que não frequentava esses lugares, ignorando o fato de que a menina se referia ao lugar em que morava antigamente, a Feira:

Um dia, ao fim do jantar, perguntei à minha avó quando é que ela me podia levar à Feira.

— Nunca vou a essas coisas — respondeu ela. — A Natália é que faz as compras da semana. E vai sempre ao hipermercado.

— Não é essa feira, avó — murmurei.

— Não há outra — rematou ela. — Acaba o que tens no prato e depois vai para o quarto fazer os trabalhos de casa.³²

Para Branca, sua avó não sabia o que era a Feira, muito menos quem era Gil Vicente porque não tinha muitos livros em casa, assim, não tinha acesso às informações. Branca não estava errada por pensar assim, mas o que realmente impedia sua avó de conhecer tais coisas, era a falta de empatia e afetividade, e não somente a falta de informação em si.

Quando Branca estava com seus 16 anos de idade, seu pai regressou da Suíça para Portugal, e assim foi encontrar a menina a fim de conhecê-la. Como era de se esperar, o encontro não correu muito bem, ambos nunca haviam se visto, e apesar do pai de Branca estar disposto a corrigir os erros do passado, a garota sabia que não seria possível recomeçar:

Tinha afirmado que se arrependimento matasse ele já estaria morto há muito — assim em jeito de telenovela de Manoel Carlos³³.

E tinha jurado que o que mais queria agora na vida era levá-la para a sua casa no Norte, e viverem juntos e felizes para sempre.³⁴

³² Idem, p.31.

³³ Escritor e autor de telenovelas brasileiras, seus trabalhos buscam retratar a sociedade carioca contemporânea.

O pai de Branca havia a convidado para ir morar com ele, dissera que em meia hora iria partir da cidade, que esperava uma resposta da menina, mas que esta não precisava ser tomada de imediata. Ao se despedir, entregou-lhe um telemóvel para caso Branca tivesse a necessidade de lhe procurar. Os minutos seguintes a sua partida, que deveria servir para Branca pensar se moraria ou não com o pai, ajudou a menina a tomar uma grande decisão em sua vida:

Teclou o número no telemóvel.
Talita estava cheia de razão: se ela não fosse mesmo, mesmo muito boa a fazer qualquer coisa, todo o mundo lhe passava à frente.
Era tempo de ser mesmo, mesmo muito boa e fazer aquilo para que tinha nascido.
De tocar a vida pra frente.
O telefone está a tocar.
Ainda ninguém atendeu, se calhar deixaram-no na cozinha e ninguém ouve, nunca sabem onde largam o telemóvel, ou se calhar estão todos no café do Sr. Nunes, ou no Top Menos.
Ela espera.
Ela tem tempo.
Ela sabe que vai finalmente regressar a casa.³⁵

Talita era a única fonte de acolhimento e afeto para Branca dentro da casa de sua avó, local que deveria representar a casa-pátria, mas que na verdade representou apenas o exílio. Desde o início da chegada da menina à casa da avó, Talita a incentivou a nunca desistir de seus sonhos e sempre ir atrás de sua felicidade.

Branca não precisava mais morar com a avó, ela já tinha atingido legalmente sua maioridade, aquele era o momento em que ela poderia mudar a sua vida, era naquele instante que ela tinha meia hora para mudar a sua vida. A menina pôde finalmente retornar à sua casa, a Feira, lugar em que desde o início representou seu lar concreto. Era no teatro, que Branca sempre teve a presença de sua família, em que podia encontrar um espaço afetivo. Na Feira, Branca sempre teve tudo o que precisava para viver bem e feliz, sempre teve afeto, mesmo que para as autoridades o *viver bem* e o *viver com qualidade* estivessem relacionados a coisas exteriores que o dinheiro pudesse comprar. Foi na Feira, que Branca aprendeu sobre o respeito aos símbolos da Pátria, a história de Portugal, o lugar do povo na sociedade, aprendeu sobre Gil Vicente, e principalmente, aprendeu sobre o que era família.

³⁴ VIEIRA, Alice. *Meia hora para mudar a minha vida*. Lisboa: Caminho, 2010, p.154.

³⁵ Idem, p.155-156.

CONCLUSÃO

É evidente que ao analisar uma obra literária, iremos nos deparar com aspectos históricos que contextualizam o período no qual ela foi escrita. Dessa maneira, se faz necessário atentar-se para o contexto político em que a obra está inserida, pois assim, é capaz de saber a intencionalidade do autor, ao escrever a narrativa.

Em *Meia hora para mudar a minha vida*, a narrativa se passa em Portugal, um país que estava passando por uma transição política, saindo de um período ditatorial e entrando assim em uma nova república, que, teoricamente, deveria garantir aos cidadãos direitos que lhe proporcionavam autonomia, tanto em suas ações e atuações, quanto na sua intelectualidade.

A narratividade é outra característica que está intrínseca no texto literário. Assim, ela exerce uma função modalizante na narrativa, pois é a partir dela que é possível compreender os fenômenos e aspectos estéticos do texto. Dessa forma, ela desempenha um papel funcional na obra, que definirá a qualidade do discurso, que nos textos de narrativa literária se desenvolvem de maneira fictícia.

Por sua vez, podemos observar na narrativa a dimensão sociocultural da literatura, que nos proporciona enxergar o texto como uma ferramenta de intervenção e manifestação social, no qual o escritor participa de forma ativa, e possibilita ao mesmo tempo, ao leitor, por meio do contato com a obra literária, sentir-se estimulado e confiante no percurso dessa sua leitura.

Meia hora para mudar a minha vida, nos apresenta um espaço narrativo no qual o envolvimento e a conservação dos símbolos da pátria permitem que os integrantes do espaço da Feira, por exemplo, estabeleçam entre si relações de afeto e de aceitação, que são preservadas e mantidas a todo o momento. Mostra assim, que o espaço familiar não precisa e não está necessariamente ligado ao ambiente tradicional de família estabelecido pela sociedade, mas sim, onde se encontra afeto e abrigo.

A obra nos traz grandes lições para serem pensadas e refletidas. A história de uma criança que perdeu sua mãe muito cedo, tendo assim que lidar com a dura realidade da falta de afeto que encontrara na casa da avó. A narrativa nos mostra que nem sempre os padrões, o que é dito como “certo” pela sociedade, é o que realmente traz o significado de felicidade. Na obra, isso se comprova com a estadia de Branca na casa de sua avó. A casa oferecia à menina todos os parâmetros necessários para que ela vivesse

“bem e feliz”, de acordo com o Estado. Apesar de ter uma casa grande, com empregada, televisões, móveis aconchegantes e acesso à tudo o que o dinheiro podia comprar, Branca não tinha o principal, que era um lar acolhedor e afetivo.

A narrativa nos mostra que mesmo diante das dificuldades e das frustrações sofridas por Branca, a menina consegue superar cada dia e cada acontecimento. Ela se agarra a elementos como os ensinamentos recebidos na Feira, a identidade de Gil Vicente e a cultura brasileira apresentada por Talita, como referências culturais e afetivas, que dão a ela uma nova perspectiva de se olhar o futuro, compreendendo que é possível aprender com a dificuldade e assim superar a realidade.

BIBLIOGRAFIA

E-DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS. Estruturalismo. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/estruturalismo/>>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

E-DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS. Prosa poética. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/prosa-poetica/>>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

INFOESCOLA. Antônio Salazar. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/biografias/antonio-salazar/>>. Acesso em: 07 de novembro de 2018.

INFOPÉDIA DICIONÁRIOS PORTO EDITORA. República. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/rep%C3%BAblica>>. Acesso em 07 de novembro de 2018.

MEUS DICIONÁRIOS. O que é Monarquia. Disponível em: <<https://www.meusdicionarios.com.br/monarquia>>. Acesso em: 07 de novembro de 2018.

MÓISES, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

NETESCRIT@. Alice Vieira. Disponível em: <https://www.nonio.uminho.pt/netescrita/autores/alice_vieira.html>. Acesso em: 15 de novembro de 2018.

PAGE, Martin. *A primeira aldeia global: como Portugal mudou o mundo*. Portugal: Casa das letras, 2012.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. Portugal: Coleção saber, 1989.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Portugal: revolução e transição para a democracia. Disponível em: <<http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=crono25ahora>>. Acesso em: 08 de novembro de 2018.

VIEIRA, Alice. *Meia hora para mudar a minha vida*. Lisboa: Caminho, 2010.

WIKIPÉDIA. Guerra Colonial Portuguesa. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Colonial_Portuguesa>. Acesso em: 07 de novembro de 2018.

WIKIPÉDIA. Estado Novo (Portugal). Disponível em: <
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_Novo_\(Portugal\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_Novo_(Portugal))>. Acesso em: 08 de novembro de
2018.